

**De objeto a sujeito:
a mulher na ficção de Nélide Piñon¹**

Dileane Fagundes de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria
Brasil

II Colóquio Interdisciplinar Corporeidade/Textualidades, PPG-Letras da Universidade Federal de Santa Maria- Novembro 2018

Parto de uma compreensão da impossibilidade de qualquer definição de “feminilidade essencial” que se mantenha presa às armadilhas das interpretações biológicas e funcionalistas da cultura, as quais, tradicionalmente, limitam as mulheres a serem *o outro* do homem, conforme já asseverava Beauvoir em seu livro *O segundo sexo*, em 1949. Quando me refiro à mulher e ao feminino, estou, sobretudo, apontando para seu coletivo múltiplo, e não para uma pressuposta essência de mulher, cuja compreensão, não raras vezes, guia para as mais tendenciosas e nefastas construções do feminino da tradição patriarcal e androcêntrica.

Pensar as representações do feminino leva-nos a questões caras aos estudos de gênero, pois compreender por que tais representações ganharam *status* de verdade enquanto outras são silenciadas implica questionarmos os efeitos das relações de poder que envolvem a constituição da identidade, do sexo e do gênero, uma vez que é a partir da construção social desses que se constituem as representações sociais do sujeito feminino. Corroboro tal posicionamento com a proposição de Butler (2015), ao sugerir que, em vez de procurar as origens do gênero, devem-se investigar os efeitos de instituições, práticas e discursos, cujos pontos de origem são múltiplos e difusos,

¹ Este trabalho é fruto de uma comunicação oral apresentada no II Colóquio Interdisciplinar Corporeidade/Textualidades, organizado pelo Prof. Dr. Anselmo Peres Alós, e realizado no PPG-Letras da Universidade Federal de Santa Maria, no Brasil, e submetido para publicação, em uma versão inicial, à revista Argus-A, ISSN 1853-9904, no primeiro trimestre de 2019.

tornando necessário centrar e descentrar nossa investigação nessas instituições definidoras.

Outro aspecto muito relevante na presente investigação relaciona-se à forma como as personagens vivenciam sua sexualidade. E, nesse sentido, pensar a sexualidade torna-se bastante problemático, uma vez que, apesar de parecer um assunto privado e individual, esse tema remete a uma coletividade que o constrói e o desconstrói continuamente; entendo a sexualidade como uma invenção social que se constitui a partir de múltiplos discursos (por vezes, consagrados, por outras, censurados). A partir de tal entendimento, penso a sexualidade não mais como um dado natural, universal a todos os seres humanos, mas como uma construção social carregada de historicidade, constituída simbólica e culturalmente, mediada pelas linhas de força do poder, conforme sugere Foucault (1979). Desse modo, interessa-me investigar esses efeitos das linhas de força do poder sobre a sexualidade feminina, considerando que se mostram um campo frutífero para analisar construções socialmente cristalizadas.

Pode-se dizer que o final da década 1960 e as décadas seguintes (1970 e 1980) são momentos nos quais as diferenças entre os sexos ganham ênfase, em termos teóricos, uma vez que as feministas passam a compreender o sujeito social em sua pluralidade, nas diferentes relações que estabelecem subjetivamente com a realidade, entre os espaços simbólicos de representações que dão sentido ao mundo, não mais se resumindo a explicações biológicas reducionistas. O que está em foco é a dinâmica das representações que são construídas culturalmente. Com isso, a linguagem, em suas diferentes manifestações, passa a ser entendida como prática, dotada de valores e julgamentos, utilizada pelos sujeitos para se comunicarem com o mundo. Portanto, ela proporciona embates de poderes, que tanto pode manter ou subverter discursos que fundam e legitimam noções naturalizadas de gênero e de sexualidade.

As reivindicações concebidas pelo movimento feminista aspiram à liberdade e ao direito de autonomia das mulheres, mas aspiram também a uma relação mais

democrática entre homens e mulheres. Com base nos estudos que investigam a problematização da situação das mulheres e questionam a matriz binária de origem patriarcal, criou-se um termo flexível e analítico que se contrapõe à estrutura pautada no caráter biológico. Desde então, o vocábulo “gênero” popularizou-se e se tornou uma categoria útil de análise nos debates acadêmicos.

Essa categoria ganhou destaque no artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, da estudiosa norte-americana Joan Scott (1990) – uma importante investigação que instaura uma categoria analítica a qual alarga a compreensão do sujeito feminino. Joan Scott discute as diferenças existentes entre sexo e gênero, ancorando-se em duas premissas. Primeiramente, não se deve falar em *gênero* sem considerar a estrutura binária que abrange a relação masculina e feminina. Em segundo lugar, *gênero* é uma das primeiras formas de atribuir significado às relações de poder. Por meio de inúmeros debates e de uma análise crítica a respeito das questões igualitárias e das diferenças entre os sexos, surgiram novos pontos de vista que indagaram a construção social da relação homem/mulher, visando à busca da identidade de gênero.

Assim, parto primeiramente de uma posição muito pertinente sobre a abordagem dos estudos de gênero presente no texto “A tecnologia do gênero” (1994), de Teresa de Lauretis, no qual ela aponta, como uma limitação do feminismo, o fato de centrar os estudos de gênero na diferença sexual, na oposição universal do sexo, que torna muito difícil, quando não impossível, articular as diferenças entre mulheres (no plural) e Mulher (no singular, essencializada). Em oposição a esta limitação, a autora sugere conceber o sujeito social e as suas relações de subjetividade com a sociabilidade de outra forma, um sujeito constituído no gênero, não apenas pela diferença sexual, e sim por meio dos códigos linguísticos e representações culturais, um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de classe e raça, um sujeito múltiplo e contraditório em vez de um único, simplesmente dividido.

Uma contribuição importante para compreender os caminhos e desdobramentos das teorias feministas encontra-se no livro *Problemas de gênero: o feminismo e a subversão da identidade* (2015), de Judith Butler. Nessa obra, Butler descobriu algumas concepções de sexo e gênero apresentadas por alguns teóricos e, nesse sentido, afirma, que se sexo é ele próprio uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como uma interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado em um sexo previamente dado (uma concepção jurídica); ele tem de designar também o aparato de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é um meio discursivo-cultural pelo qual a natureza sexuada ou o sexo natural é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície neutra sobre a qual age a cultura.

Nesse sentido, Butler descobriu a concepção de sexo como um dado natural do gênero e, ao fazer a distinção, ela apresenta um questionamento que direciona o olhar não mais para a origem dessas categorias, mas para os efeitos de poder que muitas instituições definidoras exercem sobre elas. Butler ainda afirma que, como genealogia da ontologia do gênero, sua investigação busca compreender a produção discursiva da plausibilidade da relação binária que contrapõe como opostos o “real” e o “autêntico” e sugerir que certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do “real”, consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma autonaturalização apta e bem-sucedida.

Para Joan Scott, a definição de gênero baseia-se em duas proposições. Na primeira, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (p. 86); na segunda, o gênero é “forma primária de dar significados às relações de poder” (p. 86). Essa relação entre o gênero e as relações sociais, segundo a autora, implica perceber como os símbolos culturais circulam, em que contextos as “representações simbólicas são invocadas” (p. 86), para, com isso,

compreender como os significados são historicamente construídos e impostos em um determinado contexto, em sua inevitável relação com o poder. Scott desnaturaliza as diferenças biológicas entre os sexos e afirma a necessidade de se pensar as categorizações que envolvem a definição do que é ser homem e do que é ser mulher como instâncias instáveis e inacabadas, que se modificam conforme o contexto e a cultura em que estão inseridos. Diante disso, o processo de inversão e desconstrução torna-se necessário quando teorizamos gênero, pois, culturalmente, foi imposta à mulher uma “normatização” nos papéis sociais, como uma espécie de disciplinamento, que precisa ser desfeita a fim de que o sujeito possa agir efetivamente no meio social. A construção do gênero também se realiza por meio da desconstrução.

Por esse motivo, é relevante considerar o contexto em que estão inseridas determinadas noções sobre o homem e a mulher. Ao conceituarmos o termo “gênero”, não devemos restringi-lo apenas às categorias imutáveis: homens e mulheres, mas entender que esse termo se constitui por meio de relações subjetivas, sociais e políticas. É preciso entender que os indivíduos não são portadores de identidades e posições sociais fixas, uma vez que, assim como a sociedade, vivemos em constantes transformações. Desse modo, acredita-se que o gênero se constitui como forma de notar e de dar expressividade a essas mudanças, pois é no seio social que essas relações tornam-se possíveis.

Nesse sentido, é de suma importância pensar em outro aspecto de ressignificação da teoria feminista, isto é, ter a percepção de que não é mais possível acreditar que haja uma base universal para o feminismo, e nem que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. Butler sugere que as supostas universalidades e unidade do sujeito do feminismo são de fato difundidas pelas restrições do discurso representacional em que funcionam. Portanto, é imprescindível formular, no interior

dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam.

Para Teresa de Lauretis, a construção do gênero ocorre por meio das várias tecnologias do gênero e discursos institucionais com poder de controlar o campo do significado social e, assim, produzir, promover e implantar representações de gênero. Porém, acrescenta que a desconstrução do gênero leva inevitavelmente à sua (re)construção. Nesse sentido, a autora argumenta que é necessário criar novos espaços de discurso, reescrever as narrativas culturais, definir os termos de outra perspectiva e expor uma visão de ‘outro lugar’. Este não é um distante mítico passado nem uma história de um futuro utópico, mas o lugar do discurso, os pontos cegos ou o *space off* de suas representações, ou seja, os espaços nas margens dos discursos hegemônicos.

A estudiosa feminista ainda assevera que os termos necessários para uma construção diferente do gênero são propostos de fora do contrato social heterossexual e inscritos nas micropolíticas, forjados nas resistências diárias, nos agenciamentos e fontes de poder, na autorrepresentação, nas produções culturais das mulheres feministas, que inscrevem o movimento dentro e fora da ideologia.

Levando em consideração a concepção de Lauretis ao dizer que o gênero é produto de diferentes tecnologias sociais, podemos afirmar que o discurso simbólico androcêntrico que produz e legitima as desigualdades de gênero e as hierarquias de poder, é passível de transformação pelos discursos à margem dos hegemônicos, situadas nas microrrelações políticas e tecnológicas. Estas vão penetrando nas estruturas e desconstruindo os significados das imagens e dos mitos que justificaram determinadas representações de gênero. Isso mostra que, no dinamismo da história, o sujeito pode refazer constantemente a sua experiência por meio de iniciativas reflexivas e do engajamento na realidade social. Logo, torna-se pertinente pensar a mulher a partir da assertiva de Beauvoir (2009) de que ninguém nasce mulher e sim se torna mulher, porque mulher é um termo em processo, um devir, um construir do qual não se pode

dizer com acerto que tenha uma origem ou um fim. Enquanto uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e ressignificações.

A partir disso, sempre é relevante pensar os escritos de autoria feminina como expressão de resistência política, em contraposição às formas de relações assimétricas de poder. No Brasil, a literatura de autoria feminina vem ganhando espaço no panorama literário, proporcionando um *corpus* mais abrangente e diverso do que se tinha em fases anteriores aos anos 1960. Com esse representativo aumento, torna-se relevante reavaliar e repensar as concepções literárias e até mesmo o cânone literário brasileiro, bem como lançar um olhar mais cuidadoso em relação à representação da mulher no referido contexto. Nesse sentido, a crítica feminista passa a ter um papel extremamente relevante na representação e ampliação de seu objeto de estudo.

Historicamente, os estudos feministas começam a se desenvolver concomitantemente às lutas pelos direitos civis, na efervescência política e cultural dos anos 1960 e 1970, reforçando, assim, a relação entre pesquisa e prática. Com relação à literatura, o feminismo propiciou o surgimento da crítica literária feminista, que investiga como a mulher é representada literariamente, com o intuito de questionar os padrões patriarcais e/ou identificar a construção de personagens femininas a partir da consciência de sua construção cultural.

Com o intuito de tecer algumas considerações acerca do que venha a ser literatura feminina, ou seja, a produção literária de autoria feminina, é de grande valia reportar-me aos estudos de Nelly Novaes Coelho, autora do *Dicionário crítico de escritoras brasileiras* (2002), minucioso registro da produção literária feminina brasileira, e de *A literatura feminina no Brasil contemporâneo* (1993). Essa pesquisadora ressalta que toda criação literária está relacionada à cultura na qual se encontra inserida.

Segundo Coelho (2002), não há dúvida de que o atual interesse pela literatura escrita por mulheres está visceralmente ligado à transformação cultural-social-ética-

existencial em processo e que vem expressando-se na poesia, no romance, na ficção, no teatro e no ensaio. No entanto, como essa metamorfose não é um fenômeno em si, mas o resultado de algo que vem de muito longe, a literatura feminina do passado ganhou também um novo interesse: nela está a memória dos tempos em que os valores, hoje questionados ou deteriorados, foram instaurados como ideais a serem vividos.

Ao ultrapassar a barreira do silêncio a que se viu historicamente condenada, a mulher veio, lentamente, inserindo-se em diversos caminhos, entre eles o da produção literária. Agora, não mais como objeto de representação ou do desejo, mas como sujeito agente, articulando-se através de uma voz, de uma linguagem e de uma escrita próprias. Afinal, ao inscreverem-se no discurso, as mulheres abriram a discussão de seu papel na sociedade. Além disso, a presença de outras vozes dentro do discurso dominante colaborou para reforçar a desestabilização do sistema patriarcal. A produção literária feminina também constitui um dos lugares possíveis para acompanhar o processo de sua deshistorização e gradual arrancada política em direção à ruptura e correção de valores arbitrários.

A escolha pelo universo textual de Nélide torna-se pertinente ao debate exposto sobre a trajetória do feminino, pois é evidente o seu compromisso de engrandecimento e expansão da literatura de autoria feminina, por meio de um projeto literário estético e crítico que se consolida a cada narrativa. Organizamos os contos aqui analisados em uma sequência que remete, de certa forma, ao movimento feminino em direção a subjetividades mais libertárias. O conto “I love my husband”, inserido nos livros *O calor das coisas* (1980), foi publicado em um período do movimento feminista pós-ditadura, momento inquietante, de comoção, de luta e debate por mudanças no país, e, por esse motivo, a narrativa mantém um diálogo com o contexto de militância, devidamente abordado no primeiro capítulo do presente estudo. Nélide apresenta, claramente, a partir do olhar da narradora, um modelo de constituição familiar alicerçado pela tradição patriarcal. Piñon, mediante um discurso impregnado de ironia e

metáforas, próprias de sua brilhante escrita, exhibe os desconfortos de uma identidade feminina forjada no sistema patriarcal.

Ainda que o título “I love my husband” consiga desnortear o leitor e levá-lo a acreditar em um enredo centrado na declaração de amor de uma esposa para o marido, a declaração feita pela personagem/narradora é um questionamento ao poder normativo do casamento, à pernicioso construção binária de gênero, aos discursos complacentes com o patriarcado que tendem a distorcer a imagem da mulher em prol de uma imagem submissa relegada à invisibilidade. O título, escrito em inglês, denota a presença de uma cultura dominante impondo um padrão comportamental, uma língua que é estrangeira à personagem, mas que esta foi obrigada a aprender ao longo de sua vida. Evidenciamos tal posicionamento quando a protagonista diz:

Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o meu, mergulho numa exaltação dourada, caminho pelas ruas sem endereço, como se a partir de mim, e através do meu esforço, eu devesse conquistar outra pátria, nova língua, um corpo que sugasse a vida sem pudor (Piñon, 2007, p. 154).

O título também se refere à banalização do sentimento amoroso, uma vez que a esposa do conto reitera, inúmeras vezes, um sentimento que ela não sente pelo esposo. Há sempre um tom de sarcasmo quando ela declara seu amor.

Destarte, o conto “I love my husband” apresenta, então, uma personagem que, embora declare estar ciente da opressão exercida pelo casamento, família e sociedade, ainda não se sente segura para causar um rompimento. A protagonista do conto expõe, logo de início, que a sua principal função no mundo é estar a serviço do marido, ficando a realização pessoal em último plano. Ela é submetida a viver como sombra do esposo sem mesmo ter o direito a viver sua sexualidade. Dependente financeiramente do marido, ela se vê enredada em um círculo fechado de possibilidades de construir sua verdadeira identidade. A narrativa explora os efeitos nocivos de tal constituição

matrimonial regida pelo modelo patriarcal e põe em evidência, por meio do discurso irônico da protagonista, como a pseudoaceitação de um modelo de abnegação é artificializada.

Em “Aventura de saber”, Nélida Piñon desnuda a figura ‘padrão’ da mulher professora como sujeito disciplinado e, limitado pela sociedade, revela os desejos íntimos que a professora nutre por um aluno. Empreendemos a análise deste conto por meio da constituição da sexualidade da professora, protagonista desta narrativa. A sexualidade torna-se um tema profícuo para pensar as relações de poder implicadas na constituição do sujeito feminino. O livro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* (2001), de Guacira Lopes Louro, esclarece alguns aspectos a respeito do corpo e da sexualidade que são de total importância para o entendimento da relação constitutiva da personagem com sua sexualidade. Esse estudo coloca em evidência o corpo e a sexualidade, não como questões pessoais, mas compreendidos como produções históricas. Nesse sentido, apropriamo-nos de sua pertinente afirmação de que as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente, renovadamente reguladas, condenadas ou negadas. Para ela, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero ganham cada vez mais visibilidade, especialmente, pelo movimento feminista.

Impossibilitada de vivenciar a aventura amorosa com o menino, a protagonista desloca seu desejo para o nível da fantasia. Nesse universo imaginário, a professora transforma-se em outra mulher que deseja e é desejada, que conduz o masculino à descoberta da vida, do desejo quando também é conduzida a novas experiências. Porém, quando retorna desses deslocamentos imaginários, a protagonista expõe os conflitos decorrentes do processo regulatório que impõe ao seu corpo e, desse modo, a autora traz à tona os efeitos do poder autoritário exercido pela escola. Ela dá visibilidade a esses construtos sociais, mostrando que eles, no entanto, são passíveis de transformações, desde que os sujeitos reconheçam sua capacidade de produzir estratégias de resistência.

Na narrativa, os conflitos vivenciados pela professora não se tornam públicos. Apesar de, em alguns momentos, ela extravasar seus sentimentos, os mesmos são, de certa forma, dissimulados; portanto, podemos dizer que o poder que a instituição exerce sobre ela não é de todo descartado. Ele continua operando, silenciosamente, mais em sua forma simbólica do que através da palavra autoritária.

A protagonista do conto “Colheita” semeia a desconstrução da identidade que lhe é imposta, de sua definição como *Outro*. Sendo assim, por meio da sua enunciação, constitui-se de forma diferente, emancipando sua subjetividade das distorções infligidas pelo sistema cultural dominante a partir da reavaliação das implicações da dominação masculina em sua formação identitária. A resistência dela se dá pela negação de partilhar a lógica dita racional. Ela rompe com a lógica que a colocou em uma posição de inferioridade, e isso possibilita à personagem sair da automatização do olhar sobre o cotidiano para empreender um íntimo questionamento acerca de sua situação, a partir do qual vai tentando desestabilizar os papéis sociais que limitam suas experiências.

A representação feminina presente no conto “Os selvagens da terra” é associada à dominação masculina que se manifesta pelas vias da violência simbólica física e sexual. Compreendemos a violência simbólica e a dominação masculina a partir do estudo de Pierre Bourdieu (2007). Para o autor, a dominação masculina é um processo de construção social contra as mulheres e uma forma de violência física, moral, psicológica que se reproduz ao longo da história da humanidade. A base da violência simbólica está nas estruturas (sociedade, família, Escola e Igreja) que a produzem e a mantêm viva e que defendem o papel do homem como superior. Desse modo, a dominação masculina encontra, na sociedade, as condições para que haja a sua disseminação, visto que algumas mulheres se posicionam como dependentes e submissas aos homens, tanto no que se refere ao plano econômico, social e cultural, quanto à diferença de gênero; e a sociedade favorece para que isso não seja erradicado, reproduzindo essa dissimetria.

A leitura dessa narrativa leva a uma análise da construção da representação feminina pelo viés da sexualidade e da violência simbólica, física e sexual. É perceptível a recorrência da abordagem da sexualidade, embora cada personagem apresente uma forma diferente de vivenciá-la, também nos contos “Aventura de saber”, “I love my husband”, “Breve flor” e também em “A camisa do marido”. Em cada narrativa, há uma visível crítica de Nélide Piñon às construções sociais da sexualidade articuladas e normatizadas por diversas instâncias sociais, portanto nefastas às personagens femininas. Em “Os selvagens da terra”, a autora, por meio da voz narrativa, faz o leitor trilhar os caminhos de agruras que a silenciosa peregrina segue, e mais: revela as feridas não só das duras penitências de um caminho trilhado à margem, mas talvez da pior delas: a da animalização e dominação de seu corpo. Porém, no decorrer da narrativa, a representação da protagonista ganha novos traços e nos proporciona gratas surpresas.

A protagonista dessa narrativa segue a figura masculina, “o homem do cajado”, revelando-se sempre submissa; é a única pessoa que o acompanha em suas andanças pelo mundo. Em meio à precariedade dessa vida errante, o homem percebe a presença da mulher: “comendo batata cozida nas brasas, esmagava-as com os dedos, e desde que intenso observara a mulher, nunca mais ofertou-lhe o mesmo olhar. Sabia-se seguido, e bastava-lhe a certeza” (1997, p. 47). Nesse trecho, fica explícito o sentimento de superioridade do homem, o qual tem certeza de que a mulher sempre o acompanhará independente do tratamento que lhe dispuser.

Nessa convivência, compreendemos como se constituem as nuances da dominação feminina, aqui exercidas pelas vias mais sutis, puramente simbólicas da comunicação, mesmo não sendo expressa verbalmente. A comunicação entre eles é de outra natureza: mais física, que se articula por meio dos atos do homem associados à virilidade, brutalidade, rudeza, os quais transmitem uma força, mesmo que não haja fala. Assim, essa relação só ocorre porque há um forte vínculo sentimental que une a

protagonista a este homem. Com o passar do tempo, o homem e suas rezas já estavam a atingir a transparência; então a mulher, acompanhando-o em sua miséria, passa a imitar também seus gestos. Até esse momento da narrativa, fica claramente visível que a mulher, vítima dessa violência, aceita com naturalidade a opressão que sofre. Então, o homem, extenuado com a inapetência da mulher, diz: “Agora que conheceste a miséria, partilharei contigo o meu corpo” (p. 48).

Entendo o comportamento penitente da mulher como uma espécie de purificação, só quando ela submerge ao extremo da miséria que é recompensada com o direito de compartilhar o corpo do companheiro. Porém, quando o homem decide domesticá-la de uma maneira violenta e brutal, a mulher inverte a posição sexual e obriga o homem a enxergá-la de outra maneira. Ao final da narrativa, não vemos mais a protagonista como sombra do homem; vemos um casal agressivo e fraternal que juntos inventariam rezas e milagres, pois, ao atingirem “a vida proibida”, sucumbindo ao desejo selvagem da carne, o homem perde a sua divindade. A leitura que faço da narrativa traz uma um diálogo com o com o livro de Gênesis. A perspectiva cristã presente nesse livro vê a sexualidade feminina como o primeiro pecado que levou o homem à tentação e, portanto, à perda do paraíso. Para Marilena Chauí (1984), perder o paraíso é tornar-se mortal, separar-se de Deus e conhecer a dor (lavrando a terra estéril, parir no sofrimento), a morte, a carência e a falta. Distanciar-se para sempre de Deus é um rebaixamento real, do qual a descoberta do sexo como vergonha e dor futura é o momento privilegiado. Com o pecado original, os humanos descobrem o que é possuir um corpo. Desse modo, Nérida Piñon rompe com a representação de mulher-objeto “naturalmente” criada pela visão falocêntrica. Além da liberdade sexual adquirida, a mulher desfere as primeiras palavras na narrativa. Ao romper com esta situação, a mulher reivindica o direito de ser ouvida e, conseqüentemente, assume uma posição mais igualitária na relação conjugal.

Em “Breve Flor”, Nélide Piñon descreve uma mulher que tem, como característica principal, a inconsistência, porém, esse atributo ressalta seu caráter múltiplo, pois essa mulher afasta-se das definições preconcebidas e naturalizadas do gênero feminino. Acompanhamos, nessa trajetória que vai desde a infância até a morte, uma mulher independente, em busca de liberdade, guiada por uma percepção sensorial do mundo, por seus próprios códigos e, principalmente, pelo brilho da sua estrela guia.

A primeira caracterização da personagem é apresentada já na primeira frase: “A sua inconsistência era de raça” (p. 29) e reiterada em outras passagens da narrativa. Compreendemos que esse atributo ressalta mais o caráter múltiplo do gênero feminino e menos algo negativo imputado à mulher pela tradição. Além da característica citada anteriormente, soma-se à sua representação a perspicácia, a segura orientação do sangue, a suavidade e ímpeto desgovernado, atributos que, mesmo parecendo contraditórios e incoerentes, orientam a personagem no decorrer de sua existência e assumem conotações positivas no conto. A vida da protagonista está ligada às constantes descobertas; ela enxerga o mundo como um universo a ser decifrado.

Nessa narrativa, Nélide Piñon faz um interessantíssimo contraponto entre as sensações da descoberta do corpo feminino pela mulher e a visão masculina dessa descoberta. Quando evoca o discurso masculino, trá-lo justamente para desestabilizá-lo. É perceptível que a mulher deseja viver livremente sem a imposição de hábitos e regras sociais, mãe e filho são guiados apenas pela tão sonhada independência. O comportamento da personagem pode ser interpretado a partir dos estudos da representação do corpo feminino na literatura de autoria feminina, empreendidos por Xavier (2007), uma vez que observamos na personagem a marca de “um corpo liberado”. Para Xavier, “a aceitação da “inconstância”, isto é, da fluidez, significa a liberação de esquemas predeterminados, coercitivos e repressores, própria de um corpo liberado” (p. 179, grifos da autora). A protagonista é um exemplo de um corpo livre, em

constante transformação, que vive um processo de descoberta e recriação do mundo do qual faz parte.

Percebo, no decorrer dessa narrativa, que a protagonista escapa da vigilância social e da dos homens que passam por sua vida. Ela vive diversas experiências com seu filho até o dia em que, já idosa, finalmente compreende a inconsistência de sua raça e alcança a força da estrela. Mesmo pressentindo a chegada da morte, a protagonista não a compreende, “pois nem assimilara intensamente a velhice. Ainda distraída. talvez admitisse um estranho em seu leito sem que qualquer ação que ele viesse a praticar pudesse ofendê-la. Essa disponibilidade parecia-lhe a juventude” (p. 36). O tempo tem uma função estruturante no conto; a morte, que normalmente traz uma carga negativa, aqui é responsável pela sensação de juventude e esta remete à liberdade, pela falta de condicionamentos sociais. A protagonista não pertence a um só tempo, e esta multiplicidade identitária lhe proporciona a sensação de liberdade. Nélide, ao trazer a representação de uma mulher idosa que ainda sente desejo sexual, também desnaturaliza uma construção social que repudia tal comportamento.

A mulher finalmente compreende a inconsistência de sua raça e, sorrindo, olhando para o teto, alcança a força da estrela. O filho cobre sua sepultura com a brevidade das flores, assim como foi a vida dessa mulher-flor. O desfecho do conto evidencia a independência da mulher que escapa à vigilância social e dos homens que passam por sua vida. Desse modo, a protagonista abandona esses homens e segue o caminho, direcionada por sua estrela guia, não permitindo que eles ofusquem o brilho dela. Outro aspecto que se soma à independência dessa mulher é o fato de, ainda jovem, sofrer com o abandono do pai do seu filho. Porém, a maternidade a impulsiona a lutar pela sua sobrevivência e a do filho com quem cria um vínculo de amor e cumplicidade; a personagem só compreende a sua liberdade quando sente que seu filho está preparado para viver sem ela. A representação da protagonista desse conto rompe com a fixidez do gênero naturalizada dentro dos padrões feminilidade. Como mencionado no primeiro

parágrafo do conto, a inconsistência da raça é o que direciona esse corpo liberado que recusa uma identidade fixa, admitindo a ambivalência como parte do processo libertário.

Para concluir o mosaico de representações femininas arquitetadas por Nélda Piñon, escolhi o conto “A camisa do marido”, que leva o nome do último livro de contos da autora, publicado no ano de 2014. Ao seguir a representação do feminino desde os contos escolhidos do primeiro livro, publicado em 1966, e este, em 2014, percebi, por meio da escrita de Nélda Piñon, as transformações culturais e os diferentes processos de subjetividades que gradativamente evoluíram para existências mais libertárias.

A protagonista do conto “A camisa do marido” é a representação mais distante dos estereótipos femininos naturalizados pelo patriarcado. Nélda Piñon desconstrói, nessa narrativa, a representação social feminina baseada em aspectos como invisibilidade, docilidade e dependência. Ela insere, em sua construção literária, a representação de uma mulher livre de preconceitos sociais, morais e religiosos, que direciona suas ações e seu modo de ser em função apenas de seus desejos. Para construirmos a imagem de Elisa, recorreremos aos discursos dos familiares e do narrador, os quais nos revelaram a identidade transgressora da protagonista. O conto “A camisa do marido” mantém um forte diálogo com os discursos feministas hodiernos. Por conseguinte, a análise desse conto corrobora com a visão de Rago (2013), a qual postula que os feminismos criaram modos específicos de existência mais integrados, desfazendo as oposições binárias que hierarquizam razão e emoção, público e privado, masculino e feminino: “inventaram eticamente, ao defenderem outros lugares sociais para as mulheres e sua cultura, e operaram no sentido de renovar o imaginário político e cultural de nossa época, principalmente em relação aos feminismos do século XIX e do início do século XX” (p. 27). Assim como as protagonistas dos contos “Colheita”, “Os selvagens da terra” e “Breve flor,” a protagonista de “A camisa do marido” também se

aproxima das aspirações feministas atuais que veem o feminino como um devir, e não mais como um sujeito submisso às regras e condutas falocêntricas e arbitrárias.

Em “I love my husband”, a identidade da narradora/personagem é revelada por meio de seu discurso inquiridor e irônico; já a identidade de Elisa é composta por meio das diversas vozes dos familiares que se mesclam a de um narrador em terceira pessoa. Apesar de recorrermos aos discursos dos outros para construirmos a imagem de Elisa, estes em nada influenciam a identidade da matriarca; ao contrário, esses diferentes discursos (marcados em itálico na narrativa) reforçam a identidade transgressora da protagonista, única a receber um nome dentre as demais protagonistas das narrativas investigadas.

Elisa vive livremente sua sexualidade e reivindica o direito ao prazer, comportamento em consonância ao que Elódia Xavier afirma no capítulo “O corpo erotizado”, do livro *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino* (2007). Para a autora, a liberação do corpo como fonte de prazer caminha paralelamente à liberação social e existencial das mulheres no contexto androcêntrico, e que a liberdade só é realmente adquirida quando realizada em todos os planos. A protagonista é um exemplo da representação do corpo erotizado, termo cunhado por Xavier ; o corpo erotizado “trata-se de um corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer, passando ao leitor, através de um discurso pleno de sensações, a vivência de uma experiência erótica” (p. 157).

Nesse sentido, Elisa, ao distanciar-se dessas generalizações e premissas preestabelecidas – não só em relação à sexualidade e ao casamento como também à experiência materna – mostra que muitos desses comportamentos não são naturais a todas as mulheres, mas, como afirma Elisabeth Badinter no livro *Um amor conquistado: o mito do amor materno* (1985), foram socialmente construídos e constantemente incentivados.

As concepções arraigadas pelo sistema patriarcal construíram estereótipos do feminino como dóceis, passivas e dependentes, porque atribuíam essas características a sua natureza; haviam nascido desse modo e assim deveriam se comportar. No entanto, ao atentarmos para as relações de gênero presentes nas narrativas de Nélida Piñon analisadas neste estudo, percebemos que essa suposta “natureza feminina” não é natural, mas, sim, cultural. Nélida Piñon, com sua escrita singular, desafia os estereótipos atribuídos à mulher, desconstrói a visão essencialista e universalista de gênero.

© Dileane Fagundes de Oliveira

Referências

- Badinter, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- Beauvoir, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. Dois volumes.
- Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- Butler, Judith. *Problemas de gênero: o feminismo e a subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- Chauí, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- Coelho, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Siciliano, 1993.
- ___. *Dicionário de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. 26. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- Hollanda, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- Lauretis, Teresa de. “A tecnologia do gênero”. Hollanda, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.
- Louro, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 443-481.
- Piñon, Nélide. A camisa do marido. In: *A camisa do marido*. Rio de Janeiro: Record, 2014, p. 9-34.
- ___. Aventura de saber. In: *Tempo das frutas*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 37-45.
- ___. Breve flor. In: *Tempo das frutas*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 29-36.
- ___. Colheita. In: *Sala de armas*. São Paulo: Círculo do livro, 1997, p. 97-104.
- ___. Os selvagens da terra. In: *Tempo das frutas*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 47-51.

__. I love my husband. In: *Cortejo do divino e outros contos escolhidos*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 145-156.

Rago, Luzia Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas. Editora da Unicamp, 2013.

Scott, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*.
<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>

Xavier, Elódia Carvalho Formiga. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

